

## Do amor pela rua: aprendendo com o outro nos cotidianos das cidades

Sarah Nery

*“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar; que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós.”*

**João do Rio**

A vida nas cidades e a experiência urbana são campos extraordinários para investigação das aprendizagens que acontecem contínua e organicamente nesses espaços-tempos. Nascer e viver em cidades constitui novas subjetividades e modos de estar no mundo que impõem aos pesquisadores da cultura (e, neste caso, também da educação) um esforço de estranhamento proporcional à sua imersão nessa mesma realidade. Como enxergar a cidade estando entranhado nela? Como viver as experiências que ela nos apresenta diariamente? Nos agitados cotidianos citadinos, muitas coisas acontecem a cada segundo, mas pouquíssimas coisas de fato nos acontecem nos passam, como enfatiza Jorge Larrosa (2002) sobre o que ele considera a verdadeira experiência. Como percebê-la? Neste artigo, pretendo pensar a experiência nos cotidianos das cidades e associá-la às possibilidades de ensino-aprendizagem que esse espaço não formal ou informal de educação - a rua - oferece aos transeuntes. Como campo para pensar esse tema, escolhi o movimento Ocupa, versão nacional do movimento global Occupy, no Brasil, no qual a pesquisadora participa como cidadã e a partir do qual a cidadã se tornou pesquisadora.

Começamos com a mesma exclamação e pergunta que João do Rio fez em 1905: “A rua! Que é a rua?”. O célebre cronista da cidade parte da origem da palavra em latim – “ruga, ‘sulco’” – e dos dicionários e enciclopédias que a definem como “apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações” para afirmar que a rua é muito mais que isso e desenvolver a tese de que as ruas têm alma. Dentre as suas definições de rua estão: “a rua é o aplauso dos médios-cren”; “a rua é generosa”; “a rua sente nos nervos a miséria da criação” (RIO, 2008). As ruas estariam disponíveis para todos os citadinos e seriam um refúgio

especial para os despossuídos e desgarrados do processo civilizatório. “Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua” (ibidem, p. 29). Muito além de um alinhado de fachadas, a rua é palco de realizações humanas tão ordinárias quanto extraordinárias que só ela mesma testemunhou. Para João do Rio, a rua seria, assim, “a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas” (RIO, 2008, p. 30). Nesse novo habitat, surge um tipo urbano tão particular quanto universal:

*A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem, dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d’oiro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto! (idem)*

O sujeito que “pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade” é aquele que adquiriu tanta intimidade com ela a ponto de construir um conhecimento próprio, quase intransferível, de saber como transitar por uma metrópole sem ser destruído por ela, muitas vezes até sem ser visto, resistindo com sua própria existência e, sempre que possível, tirando proveito do melhor e do pior que a cidade lhe apresenta. Esse “tipo esquisito e ambíguo”, a figura do garoto, “uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos” é facilmente encontrado em cada esquina de cada rua, em cada praça de cada cidade, às vezes em silêncio e solitário, noutras espalhafatoso e sociável. De tão comuns, tornam-se invisíveis aos olhos apressados e desconfiados dos cidadãos civilizados: são parte de um cotidiano que, afinal, poucos veem. Luis Eduardo Soares é um dos autores a analisar a invisibilidade social pela qual passam, especialmente, os miseráveis e os estigmatizados urbanos, muitos deles jovens. “A gente deixa de ver os meninos, porque, se visse, não conseguiria tocar a vida” (SOARES; BILL; ATHAYDE, 2005, p. 177).

Quem é o outro da rua? Os encontros genuínos no espaço urbano só se tornam possíveis quando estamos abertos e disponíveis para o outro, até mesmo vulneráveis, como nos ensina o “sujeito da experiência” de Larrosa (2002), um sujeito “ex-posto”, que “se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por

sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (p. 24). João do Rio, a fim de compreender a psicologia das ruas, nos recomenda praticar “o mais interessante dos esportes – a arte de flanar” (RIO, op. cit., p. 31), que seria a “distinção de perambular com inteligência” pela cidade (ibidem, p. 32), percorrendo desde os becos mais sombrios até os palacetes iluminados, descobrindo em todos os cantos os tipos urbanos mais diversos com olhar generoso e compassivo. “É vagabundagem? Talvez.”, assume ele, mas acrescenta que tal vadiagem está necessariamente associada ao espírito da observação e da reflexão, pois “de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete” (RIO, 2008, p. 33).

*Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, (...) é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de ir lá, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja... (RIO, 2008, p. 32)*

A vadiagem do *flâneur* aproxima-se de maneira especial da perspectiva metodológica do cotidiano proposta por José Machado Pais (1993), que a classifica como um “vadiar sociológico” ou uma “sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que passa, mesmo ao que se passa quando ‘nada se passa’” (PAIS, 1993, p. 109). A sociologia do cotidiano, segundo Pais, passeia pela encruzilhada entre a rotina e a ruptura e procura passar a paisagem social a pente fino, aproximando-se e aconchegando-se na “intimidade da compreensão” e “fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenômenos” (ibidem, p. 110). Estudar os cotidianos seria então aproximar-se e não distanciar-se, tentar ver o invisível, ouvir o impronunciável e entender o que se passa quando nada parece se passar. É bastante sugestiva a nomeação do rato como animal totem da sociologia do cotidiano, feita por Pais, por ser esse animal típico da cultura da rua e de seus subterrâneos, que enfrenta o social sem nada desprezar à sua passagem, “interessando-se por tudo o que o seu olhar oblíquo possa agarrar” (ibidem, p. 113). Aqueles que, como eu, pesquisam nos cotidianos urbanos, deveriam almejar instintos de rato de rua, transitando entre os diferentes níveis da vida social e devorando sem pudores o que a cidade nos oferece. Ser um pesquisador rato. Ou, se preferirem um pouco mais de elegância, ser um pesquisador *flâneur*.

Os conceitos de experiência e de sujeito da experiência como vêm sendo trabalho por Larrosa, também são pertinentes para pensar caminhos – métodos – de percebermos os/nos cotidianos. Eles servem inclusive para refletirmos sobre nosso trabalho de objetivação da experiência, de coisificação do real, que é o que fazemos ao tornar os sujeitos e as situações do cotidiano nossos objetos de estudo para em seguida enquadrá-los em textos teoricamente fundamentados. Larrosa critica, assim, “qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em créditos, em mercadoria, em valor de troca” (2002, p. 24). Aqui encontro um primeiro incômodo na relação entre pesquisa e experiência ou pesquisa e alteridade: como transpor para o sentido algo tão sutil, caótico, livre e bárbaro como um cotidiano sem cometer uma violência para com ele e, especialmente, sem torná-lo uma mercadoria pronta para consumo? Numa pesquisa anterior (NERY, 2012), defendi com Certeau (1994) e outros autores que a alteridade está sempre fora do texto.

Larrosa (2008) também vai nesse sentido quando afirma que o desejo de experiência é também um desejo de alteridade. “Mas de uma alteridade que não tenha sido anteriormente capturada pelas regras da razão identificante e identificadora. Uma alteridade que se mantenha como tal, sem identificar, em sua dimensão de surpresa” (p. 187). Sempre aproximando suas reflexões sobre experiência e alteridade ao campo da pesquisa, Larrosa afirma ainda que estes sujeitos outros (dentre eles, as crianças – e, podemos dizer, os jovens) não são objetiváveis pelo saber acadêmico nem servem aos nossos propósitos. Para ele, a experiência da criança como outro é “o encontro com uma verdade que não aceita a medida de nosso saber” (LAROSSA, 1998, p. 71) e também “um encontro com o estranho e com o desconhecido que não pode ser reconhecido nem apropriado” (ibidem, p. 85). Como então pesquisar e consequentemente escrever sobre esses sujeitos no campo acadêmico se eles escapam a qualquer objetivação e desviam de todo objetivo? O Outro permanecerá ausente e inabarcável; estará sempre fora do texto. O que resta, para Larrosa, é “um autêntico face a face com o enigma, uma verdadeira experiência” (idem).

Mas, afinal, o que seria essa verdadeira experiência? A primeira definição de Larrosa (2002) para esse conceito é: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, não o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (p. 21). O autor enumera os principais motivos de “quase nada nos acontecer” atualmente, ou seja, a extinção da experiência entre nós. São eles: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso

de trabalho. Ou seja: tudo o que os agitados cotidianos das cidades nos proporcionam. Por isso, Larrosa concorda com Benjamin (1994) sobre a “pobreza da experiência” da sociedade moderna. É inegável que muitas coisas se passam nas cidades diariamente, mas poucas coisas efetivamente nos passam. E talvez seja justamente por isso que o cotidiano seja entendido, como nos ensina Pais, como o um “nada se passa” (1993). Da perspectiva da experiência, melhor seria dizer “nada me passa”; “nada me toca”. Sobre os cotidianos contemporâneos, Larrosa chega a ter a impressão de que “tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (2002, p. 21).

A experiência exige uma mudança de ritmo.

*A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm; requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.24).*

A rua, o *flâneur*, o “vadiar sociológico” nos cotidianos, o sujeito da experiência e a experiência em si – todos eles pedem outro olhar sobre a vida que estamos acostumados a ver. Todos eles pedem um pouco mais de tempo e de delicadeza ao se tratar os cotidianos. Por também emergirem como questões de pesquisa, pedem cuidados especiais no que se refere ao tipo de olhar e de relação que se estabelece nesses contextos especialmente com os sujeitos envolvidos. Foi no campo da Educação que passei a compreender que os sujeitos não poderiam ser tratados como meros objetos e que a relação entre pesquisador e pesquisado não precisaria se caracterizar pelos tradicionais distanciamentos crítico e esforços de neutralidade. Um tipo outro de pesquisa necessariamente precisa emergir se quisermos propor relações outras entre os seres humanos e seus contextos. É aí que os conceitos trabalhados até aqui me convidam a pensar outras formas de pesquisar a rua e os sujeitos (extra)ordinários que nela transitam, praticando o esporte de flunar e de estar disponível para a experiência, sendo um “sujeito da experiência”. É Larrosa (2008) também quem irá propor a substituição do “distanciamento crítico” por uma “aproximação amorosa” (p. 188).

Não é tão simples como pode parecer, já que a alteridade e a experiência, como dissemos, são dificilmente transpostas para o sentido, e talvez fosse de gran-

de indelicadeza fazê-lo. A descrição de Larrosa sobre o que o sujeito da experiência não é: “não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer” (LAROSSA, 2002, p. 24) é justamente o que nós, pesquisadores, somos e o que fazemos é precisamente converter a experiência “em créditos, em mercadoria, em valor de troca”, através de nossas pesquisas, de nossos artigos, de nossos livros. Seria preciso abandonar a ideia de experiência então? Não gostaria. Já que todo o esforço também está no sentido de não mais separar vida, arte e ciência. Já que a experiência está no campo da vida e é desse lugar onde saem nossas questões de pesquisa. Concordamos com Larrosa quando ele afirma que “uma imagem do outro é uma contradição”. Mas ele nos aponta uma saída: “talvez nos reste uma imagem do encontro com o outro.” (LAROSSA, 2008, p. 85) Vamos tentar então trabalhar com narrativas que apresentem encontros com o outro na cidade, buscando compreender o quanto aprendemos e somos transformados a partir desses encontros e qual o tipo de educação e de aprendizagem aparecem aí.

### **Um encontro com o outro**

Ana é uma jovem de 19 anos, que mora em Niterói desde que nasceu, filha do meio de um casal de classe média. Do maternal ao pré-vestibular, Ana sempre frequentou a escola regularmente. Em uma das escolas por onde passou, era uma das poucas meninas diferentes da turma e foi alvo do que ela chamou de bullying.<sup>1</sup> Numa outra escola, entrou na competitividade do pré-vestibular e decidiu tirar as notas mais altas da turma até passar em 8º lugar para o curso que queria: Belas Artes, na UFRJ. Ela idealizava a faculdade como um lugar onde finalmente se libertaria do ambiente escolar que a incomodava desde a infância. No entanto, para surpresa de todos, Ana não quis ir à faculdade quando chegou a hora, sentiu medo, pensou que todos seriam muito inteligentes e “cult” enquanto ela não sabia “nada” do mundo das artes, trancou a matrícula e passou um ano inteiro, como ela diz, “sem fazer nada”, apresentando sintomas de depressão.

---

1 *Bullying* é um termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”), que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. Cf. Brasil Escola, disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 31/07/12.

Ao final desse ano, Ana já estava voltando a circular pela cidade – inicialmente de cabeça baixa, para esconder algumas manchas que apareceram em seu rosto, mas gradativamente ganhando confiança, usando maquiagem para disfarçar o que a incomodava, e fazendo passeios de bicicleta pelo calçadão da Praia de Icaraí, próximo de onde mora. Num desses passeios, em dezembro de 2011, Ana percebeu uma movimentação estranha nas areias da praia que destoava da paisagem tradicional: algumas barracas de camping, vários cartazes pelo chão e um grupo de jovens sentados em círculo. Alguns curiosos passavam devagar ou paravam para ler os cartazes expostos em frente ao acampamento. Ana foi diminuindo a velocidade e lendo algumas coisas quando um menino a abordou de maneira muito simpática: “você quer saber mais sobre o Ocupa?”. Envergonhada, ela disse: “quero, pode falar”. Ana conta:

*O que eu achei legal é que ele falou assim: “você quer entrar? Você quer ir lá? A gente tá aqui num debate sobre...” - não me lembro qual era o debate -, ele falou: “você quer ir lá ver como é que é?” Aí eu lembro que eu tava com batom vermelho, aí eu pensei: “pô, um bando de hippie, se eu entrar com batom vermelho aí, cara, eu não sei se eles vão gostar de mim não” [risos]. Aí eu perguntei: “posso entrar com batom vermelho?” [risos]. Aí ele falou: “claro, pô, entra aí!”<sup>2</sup>*

Ana encostou a bicicleta e desceu à areia, juntando-se ao grupo. Ainda que em meio a um debate, seu anfitrião apresentou-a a todos, que saudaram a sua entrada. Ela conta que se sentiu tão bem acolhida naquele momento que pensou: “Ai, meu Deus, cheguei, to no céu, to no paraíso?”. Na realidade, Ana estava na rua, num espaço público movimentado de uma cidade média. Pisava em areias com alto índice de coliformes fecais em uma praia urbana não recomendável para banho. Estava em meio a estranhos, pessoas que nunca viu na vida. Caso seguisse o senso comum sobre a convivência na cidade, correria perigo? Para muitos, sim. Para Ana, foi a melhor coisa que lhe aconteceu nos últimos tempos. Desde então, ela passou a ir ao chamado Ocupa Niterói, movimento que ela ainda não sabia bem do que se tratava, mas com o qual se identificou nessa primeira impressão. Ela ia lá diariamente, levava água, fazia cartazes, lia estórias para um morador de rua que não sabia ler, e tudo o mais que o Ocupa lhe apresentava como possibilidade, ela aproveitava: foi a protestos na prefeitura e na câmara dos vereadores; participou de intervenções com os transeuntes na rua; ajudou a organizar uma biblioteca pública no acampamento, dentre outras ações. Ao longo desse mês, viveu

---

2 Transcrição de conversa com a pesquisadora, gravada dia 9 de julho de 2012, em frente à Prefeitura de Niterói, após um ato do Ocupa no local.

experiências inéditas nos seus então 18 anos de idade, aprendendo e ensinando coisas novas com as pessoas presentes, que também faziam o mesmo, e passou por uma transformação pessoal visível. Com a virada do ano e o fim do acampamento, Ana destrancou sua matrícula na faculdade e hoje está no final de seu primeiro período, já se envolvendo em estágios e projetos diversos na universidade, onde ela conta que seus medos não se confirmaram: “nossa, faculdade é muito diferente, na minha sala, ainda bem, eu peguei uma sala com um pessoal muito simples, legal de conviver, não tem panelinha lá. Sabe, uma vez chegou uma menina - eu pensava que eu ia chegar lá e ia ter gente cantando Edith Piaf, vai ter gente cantando sei lá o que, Françoise Hardy - aí eu vi uma menina lá, chegando cantando Kate Perry, sabe? Eu gostei disso, dessa liberdade”. Ela continua fazendo parte do Ocupa Niterói e sempre que pode está presente em suas ações, mesmo tendo saído do Facebook, onde a maior parte das informações sobre o movimento circula com facilidade, por não curtir muito a exposição que ele proporciona. “O Ocupa mudou a minha vida”, disse ela, assumindo que se não fosse aquele menino a lhe convidar pra entrar, ela jamais teria ido.

A experiência da Ana apresenta de maneira especial o potencial de um encontro com o outro no espaço da rua. A disponibilidade de ser afetada, a diminuição das pedaladas na bicicleta, a resposta positiva ao convite de um estranho fizeram dela um “sujeito da experiência” que, como recompensa por sua coragem, teve a possibilidade de mudar a sua vida. Ana aprendeu de tantas maneiras com essa experiência, que seus pais e seu terapeuta a incentivaram a prosseguir – ainda que se tratasse explicitamente de um ato de protesto e de desobediência civil – pois perceberam o quanto isso a estimulou em diversos sentidos. Ana agora se importava e sabia coisas sobre a sua cidade que antes não imaginava; Ana tornou-se amiga de um jovem morador de rua e passou a ver essa realidade com outros olhos; Ana conheceu pessoas da sua idade com interesses comuns e outros tantos interesses que passou a ter com eles; Ana sentiu vontade de conhecer mais coisas; Ana percebeu o quanto era especial e importante.

Um relato de outro militante do movimento Ocupa vai nesse mesmo sentido, ao narrar o encontro de uma menina de Salvador com o Ocupa dos Povos<sup>3</sup> ao chegar no Rio de Janeiro. O relato foi postado no Facebook pessoal desse militante num dos dias da ocupação, dia 21 de junho de 2012, e nos apresenta a mais

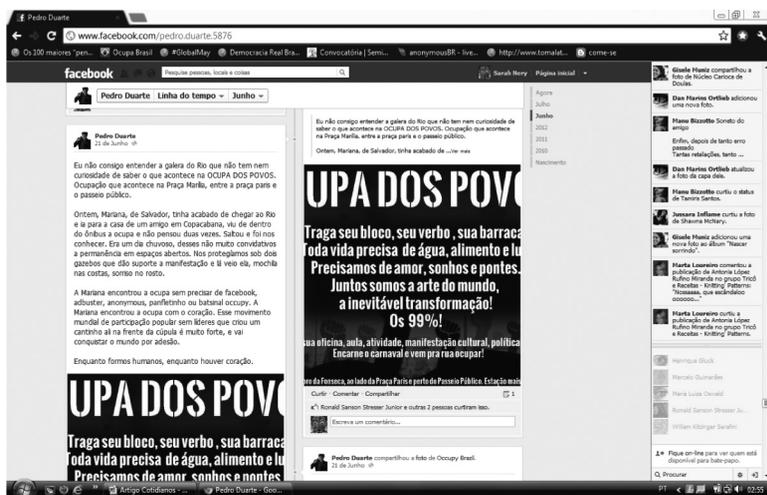
---

3 O Ocupa dos Povos aconteceu de 14 a 23 de junho, na Praça Marechal Deodoro, no Rio de Janeiro, em protesto e em paralelo à Rio+20 e à Cúpula dos Povos. Um relato sobre a experiência pode ser lido aqui: <http://ocupario.org/2012/06/25/os-10-dias-de-ocupa-dos-povos-texto-e-fotos/>.

um legítimo “sujeito da experiência” no espaço urbano, que se manifestou a partir desse acontecimento da rua, o Ocupa.

*Quantas experiências do tipo não foram inviabilizadas pelo medo do contágio com o diferente? Pelo medo até de olhar ou de parar mais demoradamente em algum lugar; conversar com desconhecidos, procurar saber “o que se passa”, perguntar, reclamar, intervir numa realidade, contemplar uma flor, comover-se com uma injustiça? São essas aprendizagens que o flâneur, o sujeito da experiência e o vadio sociológico procuram resgatar em nós. E também o movimento Ocupa, que intervém no espaço urbano e torna mais explícita a necessidade de uma parada para reflexão, convidando qualquer cidadão para promover essa pausa a fim de questionar, pensar, agir, intervir na realidade injusta que cresce em “bola de neve” em meio ao ritmo acelerado e desprovido de experiência no qual estamos imersos. Para vivermos em cidades sem sermos soterrados em estresse, correria, barulho, poluição, indiferença, depressão, pressão, medos etc. recomenda-se esse gesto de interrupção para que algo efetivamente nos aconteça, para que algo nos toque. Muitos não param.*

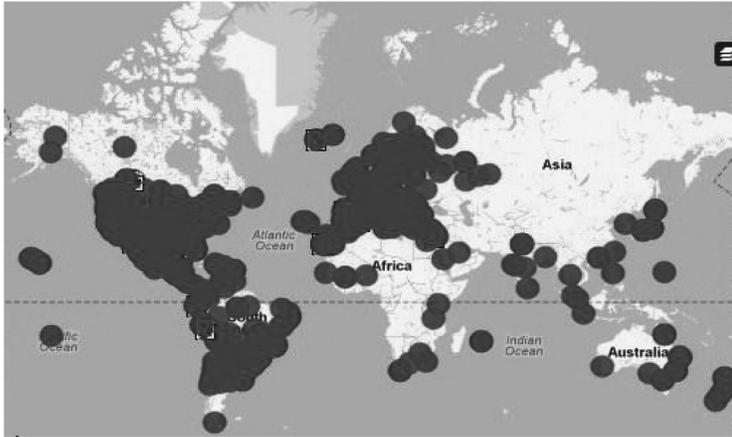
No mesmo ano em que Ana estive deprimida e “sem fazer nada”, eu estive ocupada com muito trabalho e estudo, e sofria todos os sintomas descritos por Larrosa como impeditivos da experiência: excesso de trabalho, falta de tempo, excesso de informação. Mas, mesmo estando conectada à internet muitas horas por dia e tendo acesso a diferentes mídias, de massa ou não, eu não consegui perceber algo grandioso que acontecia no mundo e que começava no norte da África. Eu até “curti” as revoluções que pareciam surgir no começo do ano, mas não tinha muito tempo para compreender o que de fato acontecia. Paralelamente, ao longo desse ano de 2011, também buscava reconstruir meu objeto de estudo no doutorado, que sofreu a desconstrução esperada de início de curso, mas que carecia agora da construção necessária para prosseguir. Durante essa busca acadêmica, nada parecia me acontecer, porque obviamente eu não estava disponível para tanto. Nas redes sociais, algumas pessoas comentavam sobre algo que acontecia na Praça da Cinelândia, no Rio, mas eu não tinha tempo de descobrir o que era. Só muitos posts depois, consegui fazer alguma relação entre os fatos desconexos que me chegavam sobre os protestos globais e o que acontecia a Cinelândia: era o movimento Occupy.



## A globalização por baixo

O processo de revoluções populares que testemunhamos ao longo de 2011 parece ter começado no dia 17 de dezembro de 2010, quando o vendedor de frutas ambulante Mohamed Bouazizi queimou o próprio corpo em protesto contra o Estado da Tunísia, que confiscou suas mercadorias após tentativas de suborno e humilhação. Conta-se que Bouazizi perdera o pai aos três anos de idade e, desde os 10, vendia nas ruas após a escola para ajudar a família.<sup>4</sup> Bouazizi fazia parte da camada mais pobre da população local e global que procura sobreviver apesar das dificuldades impostas pelo Estado. Sua autoimolação – e morte 18 dias depois – gerou uma onda de revolta na população tunisiana que culminou com a renúncia do então presidente Bem Ali, há 23 anos no poder, e se espalhou por países vizinhos, como Argélia, Jordânia, Egito e Iêmen. Essa onda de protestos ficou conhecida como “Primavera Árabe” e em seu primeiro ano de existência derrubou quatro ditadores há décadas no poder (Ben Ali, na Tunísia; Hosni Mubarak, no Egito; Muamar Kadafi, na Líbia; e Ali Abdullah Saleh, no Iêmen).

4 Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mohamed\\_Bouazizi](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mohamed_Bouazizi). Acesso em: 18 de janeiro de 2012.



A forte mobilização popular nas ruas e o chamado para a ocupação das praças, como foi o caso da Praça Tahrir, no Cairo, que reuniu milhões de pessoas em janeiro de 2011 (e continua reunindo enorme contingente desde então em diferentes protestos e manifestações), contagiou países vizinhos, no norte da África, no Oriente Médio e na Europa, onde a crise econômica também chegava ao seu limite. Portugal e Espanha, não por acaso próximos aos países da Primavera Árabe, foram os primeiros países europeus a indignar-se, respectivamente, em 12 de Março e 15 de Maio de 2011 (por isso os movimentos ficaram conhecidos como 12M e 15M, ou “Geração à Rasca”, no primeiro, e “Indignados”, no segundo), quando os cidadãos se organizaram espontaneamente para ir às ruas. Todas essas convocações eram organizadas pela internet, em redes sociais e outras plataformas digitais<sup>5</sup>, e foram amplamente compartilhadas mundialmente pela rede. Como consequência de tamanha ebulição social, começaram as primeiras mobilizações pela internet para organização de protestos semelhantes em outros países afetados pela mesma crise, considerada a crise do modelo capitalista neoliberal, intensificada em 2008, que tornou explícita a precariedade do Estado regido pelas leis do mercado financeiro. Nos Estados Unidos, a data marcada para a ação foi 17 de setembro de 2011. Inspirados na ocupação pacífica da Praça Puerta del Sol, em Madrid, quando os manifestantes decidiram ficar acampados no local, os ativistas norte-americanos já convocavam a população com esta finalidade: “ocupar” as praças do centro econômico do planeta, com o mote “Occupy Wall Street”. Centenas de cidades dos Estados Unidos aderiram ao movimento, que se espalhou ainda

---

5 Os protestos espanhóis teriam sido convocados pelo site *Democracia Real Ya!*. Disponível em: <http://www.democraciarealya.es/>.

por diversos países, inclusive o Brasil, onde registramos ocupações no Rio, em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Vitória, Salvador, Curitiba, Campinas, Porto Alegre, dentre certamente outros. O site “*Occupy Together*” ([occupytogether.org](http://occupytogether.org)) registrou mais de duas mil ocupações em todo o planeta, que reivindicavam um novo modelo de cidade, de país e de mundo. O mapa abaixo apresenta locais onde ocorreram protestos em 15 de Outubro de 2011 (o chamado 15O), do site <http://15october.net/>.

A questão é que, enquanto isso acontecia, eu não me dava conta, como cidadã, da grandiosidade do fenômeno e da importância de fazer parte, até porque a mídia tradicional não nos permite alcançar as causas dos fatos que apresenta em fragmentos e, por outro lado, o excesso de conteúdo da internet também nos dispersa. Mais uma vez citando Larrosa (2002): “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.” (p. 21) Alguns amigos se envolviam com o Ocupa Rio, que acontecia na Praça da Cinelândia desde o dia 15 de outubro (durou até o dia 5 de dezembro de 2011), com grande adesão. Mas foi só no dia da desocupação da Cinelândia a primeira vez que estive na praça. Era uma reunião emergencial sobre o que estava sendo feito e o que se precisava fazer para reaver os pertences das pessoas, muitas delas moradores de rua, que tinham sido levados pela Guarda Municipal numa ação do chamado “Choque de Ordem” da Prefeitura do Rio, durante a madrugada do dia 4 para o dia 5 de dezembro. Seguindo o chamado pelo Facebook, fui à reunião entender o que se passava, especialmente porque, dias antes, algo me aconteceu através da mesma plataforma virtual que, finalmente, forçou-me a uma interrupção.

Sem que eu pedisse, um amigo me incluiu num grupo do Facebook chamado “Ocupa Niterói”. Achei interessante a ideia de que algo desse tipo – do tipo que eu estava começando a entender sobre o que era o movimento Occupy – acontecesse na cidade onde moro. Acompanhava pelo grupo virtual as notícias de que eles se preparavam para uma ocupação de algum espaço público local, se reuniam em assembléias e se dividiam em Grupos de Trabalho de áreas variadas: infraestrutura, comunicação, jurídico etc. (Achei curioso como utilizamos nomenclaturas antigas para criar algo novo). Foi assim que, nesse processo, descobri o que tinha acontecido no Ocupa Rio e fui à reunião na Cinelândia, que seria seguida da exibição do filme *Utopia e Barbárie*, de Silvio Tendler, com a presença do próprio para um debate. Fiquei até o final do filme, assistido do chão da praça. Na manhã seguinte, ocupáramos Niterói.

No dia e na hora marcada para a ocupação da Praça Getúlio Vargas, em Icaraí – 6 de dezembro de 2011, 10h da manhã – confirmei presença no evento

criado no Facebook e fui com meu filho “ocupar” a praça. Chegando lá, um pequeno grupo de aproximadamente oito jovens esteve presente nos primeiros momentos. Uma parte do grupo confeccionava cartazes enquanto outra argumentava com um Guarda Municipal. Achei que já eram os primeiros sinais de repressão ao ato, mas para a minha surpresa a discussão girava em torno de ser proibido deitar no banco da praça. Enquanto a discussão acontecia, um indignado permanecia deitado, em silêncio, e os outros argumentavam em vão. Como era de se esperar, se não era permitido deitar no banco da praça, que dirá acampar durante alguns dias. Umhas cinco barracas foram montadas na praça de manhã e no mesmo dia à noite foram retiradas pela Polícia Militar e Guarda Civil de forma agressiva, ainda que o artigo 5º da Constituição garanta o direito à manifestação e permanência pacífica em locais públicos. Como a praça era em frente à Praia de Icaraí, fomos todos para lá (nessa altura havia umas 30 pessoas) e fizemos nova assembléia para discutir os rumos do movimento. Por ser área de responsabilidade da Marinha, não fomos incomodados ali e ali permanecemos até o fim do mês. Assim começou o Ocupa Niterói.

Enquanto tudo isso acontecia e eu me envolvia diariamente na ocupação, não cheguei a “racionalizar” a experiência. Não imaginei que ali mesmo poderia estar se delineando meu objeto de pesquisa, por exemplo. Percebo agora estar exercendo aquilo que o sujeito da experiência propõe, pois, segundo Larrosa (2008), ele é “um sujeito que não constrói objetos, mas se deixa afetar por acontecimentos” (p. 187). Eu escutava críticas dos mais velhos sobre o fato dos ocupantes serem “muito jovens”, no sentido negativo de “jovens demais”, e que eu já não deveria estar ali, pois já sou uma professora, enquanto eles são alunos, pois já sou mãe, enquanto eles são apenas filhos – resumindo: pois eu já seria adulta, enquanto eles seriam “muito jovens”. Pensar as juventudes fora de seus estereótipos era um desafio que a pesquisa no doutorado em Educação me propunha. Assim como pensar os “modos de dizer-se” desses jovens na interface cidades-ciberespaço. A experiência com o ocupa me mostrou essas questões de maneira intimista, convivendo diariamente com esses jovens e refletindo sobre essas sensações. Seria eu ainda jovem nos meus então 29 anos? O quanto estou próxima e distante deles no tempo? Ainda tenho o direito de estar aqui, num acampamento na praia, com o meu filho de quatro anos inclusive, pensando em outros projetos de mundo, buscando aquecer a utopia que existe em mim?

Junto dos autores que estudam essa questão, acreditamos que a juventude não seja apenas uma fase cronológica ou um vir a ser adulto. A juventude é um mito de cujas representações correntes precisamos romper se quisermos

compreende-la (PAIS, 1990). A juventude pode ser vista como a possibilidade de mudança e de rejuvenescimento do mundo (CANCLINI, 2005), como um desejo de liberdade e de realização de algo novo, grandioso e futuro (BENJAMIN, 2002). Preferimos acreditar, com Benjamin, na existência de um “espírito da juventude” do qual jamais seremos privados se “permanecermos jovens” (BENJAMIN, 2002, p. 24). Apesar dos ativistas do movimento Ocupa mundialmente estarem, segundo Mike Davis, “derrubando barreiras de geração” (DAVIS, 2012, p. 41), pois estariam reunindo aposentados, estudantes, moradores de rua, desempregados diversos etc., muitos relatos ainda destacam o protagonismo dos jovens nos movimentos recentes. No pequeno Ocupa Niterói, é fácil observar que os participantes mais ativos possuem entre 17 e 20 e poucos anos e são quase todos estudantes universitários em universidades federais ou estão se preparando para isso. Já no Ocupa Rio, a maior parte dos integrantes parece estar na faixa dos 30 e há mais heterogeneidade tanto nas idades quanto nas demais características dos sujeitos, refletindo de certa forma o universo cultural de cada cidade. Não existe um padrão de juventude a ser perseguido. Buscamos o “espírito da juventude” em seu aspecto mais radical e revolucionário.

Sendo eles cronologicamente jovens ou não, o que me interessa pensar a partir de agora é em como lidar com esses sujeitos, sabendo que eles se tornaram parte de minha pesquisa. A escolha do método, como diz Vygotsky, sempre reflete o olhar. O meu olhar sobre a rua, sobre a cidade e sobre as gentes ordinárias reflete o posicionamento metodológico e as escolhas conceituais que venho fazendo. A alteridade é um grande ponto de interrogação que me acompanha há alguns anos e percebo agora que é em torno dessa ideia que venho tentando entender o mundo. Pensar, portanto, em caminhos que levem ao encontro com o outro nos espaços da cidade e compreender as aprendizagens que nascem nesses encontros é o que tem me movido atualmente. Sendo que agora a própria pesquisa é entendida como experiência, assim como as ocupações, nos cotidianos das cidades.

Bakhtin (1992) e Vygotsky (1991), em seus respectivos textos sobre método nas ciências humanas enfatizarão que a pesquisa nesse campo configura-se necessariamente como uma “relação entre sujeitos”, diferente, portanto, da tradicional “relação sujeito-objeto” das ciências exatas. Por esse motivo, a chamada pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, na qual temos encontrado suporte teórico-metodológico para pensar essas recentes questões, procura ser o mais dialógica possível e se propõe a pesquisar com os sujeitos e não sobre eles. Fundamentada especialmente em Vygotsky, Bakhtin e Benjamin, propõe que “os fenômenos humanos sejam estudados em seu processo de transformação e mu-

dança, portanto, em seu aspecto histórico” (FREITAS, 2002, p. 27). Contrapondo-se à visão positivista de ciência e apoiando-se no materialismo histórico de Marx, a abordagem histórico-cultural demanda a contextualização dos sujeitos históricos envolvidos na pesquisa, integrando o individual com o social. Por isso, o próprio pesquisador precisa ser contextualizado no texto enquanto ser social, já que ele é considerado por esse método o “principal instrumento da pesquisa” e sua análise estará necessariamente condicionada às suas questões pessoais-sociais. A ideia é sempre relacionar textos com contextos. Segundo Maria Tereza Freitas, “o seu verdadeiro objetivo é compreender como uma coisa ou acontecimento se relaciona com outras coisas e acontecimentos” (FREITAS, 2002, p. 28).

Assim, apresentando rapidamente algumas características desse tipo de pesquisa, descarta-se a ideia de “coletar os dados” no campo, optando-se pela de “construir os dados” com os sujeitos. Para tanto, a imersão no campo é imprescindível, buscando a convivência com esses sujeitos nos cotidianos. Isso ajudará o pesquisador a trabalhar com “dados qualitativos que envolvem a descrição pormenorizada das pessoas, locais e fatos envolvidos” (idem). A observação é vista como “um encontro de muitas vozes” que “refletem e refratam a realidade da qual fazem parte” (ibidem, p. 29). Nesse tipo de pesquisa, “os sentidos são criados na interlocução” e, tanto pesquisador quanto pesquisado, saem necessariamente transformados desse encontro – ou seja, trata-se afinal de mais um encontro com o outro.

*O pesquisador, portanto, faz parte da própria situação de pesquisa, a neutralidade é impossível, sua ação e também os efeitos que propicia constituem elementos de análise. (...) o critério que se busca numa pesquisa não é a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado. Disso também resulta que o pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, de transformações. Ele se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado, que não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa. (FREITAS, 2002, p. 26)*

Segundo Larrosa (2008, p. 26), somente o sujeito da experiência está aberto à sua própria transformação. Por isso vejo que fazer pesquisa na perspectiva histórico-cultural é também olhar o mundo da perspectiva do sujeito da experiência. Assim como aproximei aqui o fazer pesquisa nos cotidianos à vadiagem inteligente do *flâneur* e de todos aqueles que amam a rua e estão disponíveis para as aprendizagens que surgem nela/dela. Conviver com o outro nas cidades é o principal fator de aprendizagem no espaço urbano, dentre muitos outros, como

a organização espacial que nos diz por onde podemos ou não transitar. Paulo Carrano (2001, 2003) é um dos autores a estudar a cidade como espaço educativo, trabalhando com a noção de “cidades educadoras” particularmente em suas relações com as juventudes. Para ele, é a vivência pública da rua que orienta o valor educativo das relações na cidade. No entanto, com a crescente cultura do medo e do risco urbano, a rua perde a sua potência de encontro e de alteridade e o indivíduo transita por ela de maneira automatizada e programada. No contrafluxo desse padrão, os grupos de jovens que se juntam em algum ponto da cidade são responsáveis por um tipo de regate do espaço público enquanto espaço de sociabilidade cidadã, compondo ali possíveis espaços de educação. Essa ideia está muito próxima do que os ativistas do movimento Ocupa vem fazendo. Para Carrano (2003), “para além do texto visível da racionalidade urbanística, insinua-se um texto composto pelas práticas concretas dos habitantes das cidades” (p. 21).

*As movimentações da juventude nos espaços da cidade podem ser extremamente educativas para o processo de reforma moral da práxis política, petrificada na imobilidade dos movimentos políticos e culturais de recorte tradicional, e também para a necessária transformação de forma e conteúdo, exigida para os sistemas educativos (CARRANO, 2001, p. 21).*

Pensar a educação que acontece nos espaços da cidade e nos Ocupas é adotar uma noção ampliada de educação que não esteja separada da cultura e não se restrinja ao âmbito das aprendizagens institucionais, ou seja, a educação é vista aqui enquanto prática cultural e acontece como um “processo social de compartilhamento de significados” (ibidem, p. 15). Para Carrano, “as práticas sociais que ocorrem nas cidades incorporam-se ao conceito de educação, uma vez que compreendem, em suas dinâmicas culturais próprias de realização, a formação de valores, a troca de saberes e, em última instância, a própria subjetividade. (CARRANO, 2003, p. 20). Os ocupas podem ser pensados aqui enquanto espaços de educação não formais ou informais, segundo algumas referências que esses autores nos apresentam e que devem ser aprofundadas numa outra oportunidade. Tem sido interessante pensar em como os ocupas e a rua podem contribuir não só para a (trans)formação dos sujeitos, mas para transformação das cidades e, quiçá, de toda a sociedade.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza”. In: *Obras Escolhidas* vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis. In: \_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p.209-216.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. “Jovens na Cidade”. Rio de Janeiro: *Trabalho e Sociedade*, ano 1, n. 1, agosto, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- DAVIS, Mike. “Chega de chiclete”. In: HARVEY, D. et. al. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2012.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. “A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa”. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 21-39, julho, 2002.
- LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, 2002.
- \_\_\_\_\_. “O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro”. Em: *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998
- \_\_\_\_\_. “Desejo de realidade – Experiência e alteridade na investigação educativa.” In: BORBA, Siomara e KOHAN, Walter (Org.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NERY, Sarah. *Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012
- PAIS, José Machado. “Nas rotas do cotidiano”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 37, junho, 1993.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- SOARES, Luis Eduardo; BILL, M.V.; ATHAYDE, Celso. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.